

A LEITURA E A ESCRITA DO GÊNERO EPISTOLAR: INTERCÂMBIO CULTURAL A FAVOR DA APRENDIZAGEM

Júlia Crochemore Restrepo²,
Letícia Fiera Rodrigues³,
Mariana Alvarenga Albino⁴,
Celina Ramos Arruda Macedo⁵,
Izabel Christine Seara⁶

Resumo:

A leitura e a escrita são atividades cotidianas que desempenhamos graças à competência que temos de utilizar os recursos da língua para produzir sentido, de maneira adequada às situações em interações verbais reais. O mesmo se busca para a língua estrangeira. A experiência pedagógica aqui apresentada teve como objetivo o intercâmbio cultural a partir de cartas trocadas entre alunos do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC, no Brasil, e alunos do Ensino Médio profissionalizante do Lycée Barthelemy Thimonnier da cidade de L'Arbresle, na França. Pretendemos, com a troca de cartas, dar autenticidade aos textos trabalhados em sala de aula, estimulando a aprendizagem de LE, já que a proposta é de se estabelecer uma comunicação real com nativos da língua alvo. Verificamos uma grande motivação da parte dos alunos, o que repercute na dinâmica da sala de aula e na qualidade de suas produções.

Palavras-chave: Leitura; Carta; Intercâmbio cultural.

² Graduanda do Curso de Letras – Francês da Universidade Federal de Santa Catarina – mandaprajulia@hotmail.com

³ Graduanda do Curso de Letras – Francês da Universidade Federal de Santa Catarina – leticia_fiera@hotmail.com

⁴ Graduanda do Curso de Letras – Francês da Universidade Federal de Santa Catarina – marimarisp@gmail.com

⁵ Professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina – celina@ca.ufsc.br

⁶ Professora do Departamento de Metodologia do Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina – izabels@linse.ufsc.br

Résumé:

La lecture et l'écriture sont des activités quotidiennes que l'on développe grâce à la compétence que l'on a d'utiliser des ressources de la langue pour produire du sens de façon adéquate aux situations dans des interactions verbales réelles. L'on cherche la même chose pour la langue étrangère. L'expérience pédagogique présentée ici a eu comme objectif l'échange culturel à partir de lettres échangées entre des élèves du Ensino Médio du Colégio de Aplicação de l'UFSC, au Brésil, et des élèves du cours professionnel du Lycée Barthelemy Thimonnier, dans la ville de L'Arbresle, en France. On souhaite, par l'échange de lettres, rendre authentiques les textes étudiés en salle de classe, encourageant l'apprentissage de LE, puisque l'on propose d'établir une communication réelle avec des natifs de la langue cible. Les élèves s'avèrent fort motivés, ce qui améliore la dynamique de la classe et la qualité de leurs productions.

Mots-clé : Lecture; Lettre; Échange culturel.

Introdução

O ensino de língua estrangeira permite ao aluno a compreensão de uma outra cultura e, por conseguinte, a percepção mais crítica do modo de ver e interpretar a realidade, pois, ao entender que a prática de uma língua estrangeira é uma prática social da linguagem, o aluno estará em constante confronto/estranhamento com a língua do outro.

Temos sentido que as técnicas consideradas para o desenvolvimento da leitura e da escrita não têm sido muito eficientes quando se trata de levar os alunos a perceber a importância da leitura em língua estrangeira (doravante LE). Ora, a aprendizagem de uma LE auxilia o desenvolvimento de um espírito crítico, o crescimento social e individual e pode simplesmente ser uma fonte de prazer para o aluno. A leitura está presente no nosso dia a dia, no entanto, não se tem conseguido motivar os alunos nas

habilidades de produção e compreensão escritas. Paiva (2005) coloca que as atividades de leitura têm sido pouco produtivas, porque não são “muito autênticas”, uma vez que elas servem, em geral, para se checar a pronúncia ou avaliar o processamento dos itens lexicais. Enfim, lemos sem um propósito, e quando este existe, não é o mais estimulante para os alunos, pois não se trata da interlocução real com o outro, como a que ocorre diariamente em *chats* e e-mails, por exemplo.

Vendo que isso também acontecia em nossas aulas, resolvemos que aplicaríamos uma estratégia para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita que pudessem de fato motivar nossos alunos.

No nosso entender, a produção textual deve ser uma prática constante em sala de aula, e o texto deve ser abordado não só sob o ponto de vista dos mecanismos sintático-semânticos, mas também como objeto cultural. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1999), a linguagem só pode ser analisada em funcionamento. Assim, evidencia-se a sua dimensão dialógica. E tendo como apoio a Teoria da Enunciação de Benveniste (1989), que nos permite afirmar que forma e sentido convivem no uso da língua, apresentamos uma proposta pedagógica para o Ensino Médio, cujo objeto de exploração é o gênero epistolar (a carta).

O estudo de gêneros textuais, segundo Marcuschi (2002), possibilita ao indivíduo ações sócio-discursivas que lhe permitem agir e dizer sobre o mundo. Para Bakhtin (2000), os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados, elaborados nas diferentes esferas sociais de utilização da língua. O gênero pode ser, portanto, concebido como uma classe de eventos comunicativos que são delimitados por objetivos comunicativos, ou seja, determinados por temas, estilos e estrutura esquemática. Nesse sentido, Marcuschi (2002, p.4) diz que gêneros são "modos de organização da informação que representariam as potencialidades da língua, as rotinas retóricas ou formas convencionais que o falante tem à sua disposição na

língua quando quer organizar o discurso." De acordo com o mesmo autor (2002, p.19), os gêneros textuais são "como fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social", e ainda: "os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia".

Acreditamos, portanto, que a leitura em sala de aula deve ser usada para a interação entre as pessoas, para a aquisição de conhecimentos e não como um pretexto para aquisição de um ou outro item gramatical. Nesse sentido, buscamos elaborar atividades de leitura e de escrita que promovessem a interação e que fossem de fato motivadoras. Essa motivação se deu por meio da possibilidade de interações reais.

Benveniste (2005) diz que o homem se afirma na sua fala com o outro e define-o a partir da linguagem. O uso das formas lingüísticas é o produto do jogo interativo dado pelo uso dessas formas, o que possibilita a passagem de locutor a sujeito, pela apropriação da língua. Benveniste também dá relevo à intersubjetividade: no momento em que o locutor faz uso da língua, ele sempre instaura o "tu", aquele a quem destina sua mensagem. Há um problema inicial na instauração do receptor da mensagem (tu). O que acontece no ensino de LE é que há um problema de autenticidade do discurso. Para Widdowson (1991), o problema ocorre justamente porque os textos que aparecem em manuais de LE, geralmente, são extraídos de unidades comunicativas maiores e, apresentados isoladamente, reduzem a naturalidade como unidade discursiva. Os exercícios de leitura feitos em sala de aula são "amostras genuínas de uso de linguagem" (WIDDOWSON, 1991, p.113), mas não correspondem às atividades discursivas normais de nosso dia a dia.

Otoni (1985), tratando dessa questão de autenticidade/autêntico, coloca que um texto autêntico é aquele que não foi produzido com o objetivo de ensinar, no entanto, o fato de deslocá-lo de seu contexto

lingüístico ou extra-lingüístico contribui para a sua não autenticidade. Para Flores (2001, p. 59), a lingüística da enunciação “toma para si não apenas o estudo das marcas formais no enunciado, mas refere-as ao processo de sua produção: ao sujeito, tempo e espaço [...] (pois) não se trata de algo ‘dado’ enquanto evidência, mas do produto de um construto teórico”. E essas marcas de produção, de certa forma, desaparecem ao se deslocar o texto.

Visto, portanto, como se manifestam os gêneros textuais, torna-se importante o tratamento deles em sala de aula, obedecendo à proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que sugerem que o trabalho com texto deve ser feito na base dos gêneros, sejam eles orais ou escritos. Nosso intuito, então, é propor atividades que gerem a aquisição do conhecimento de gêneros estabelecidos socialmente e na comunidade discursiva do aluno, através de exercícios de análise e reconhecimento das propriedades comunicativas e formais de cada gênero, enfatizando desta forma os efeitos comunicativos em função dos interlocutores nas situações concretas de comunicação.

O gênero epistolar, nosso foco, apresenta como marca fundamental a sua heterogeneidade, pois suas características sócio-comunicativas são definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição própria. Alguns exemplos de gênero epistolar são: carta comercial, carta pessoal, carta de leitor, bilhete, cartão postal, dentre outros. Além disso, devemos considerar que as novas formas tomadas pelos múltiplos dispositivos enunciativos à luz da internet (que seja correio eletrônico, *chats*, fóruns de discussão, sítios *web*, *weblogs*) são, em suas grandes linhas de pesquisas, materiais descritíveis linguisticamente. Trata-se, portanto, da tentativa de oferecer ao aluno um questionamento sobre a natureza desses diferentes textos. Através dessa noção, podemos identificar como se constroem, planificam, interpretam as atividades verbais no interior de uma

dada situação de comunicação, de um lugar e de uma atividade “lingueira”.

A experiência de intercâmbio cultural

Buscando então dar autenticidade aos nossos textos e possibilidades reais de interação, propusemos um intercâmbio de cartas entre alunos do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis - SC - Brasil) e alunos do Ensino Médio profissionalizante do Lycée Barthelemy Thimonnier (L'Arbresle - França). Essa experiência integra as atividades de estágio supervisionado da Graduação em Letras - Francês. Com essa experiência, conseguimos estimular a aprendizagem do FLE (francês como língua estrangeira), por se tratar de uma proposta de comunicação real com nativos da língua alvo.

Ao desenvolver as atividades propostas, o aluno pôde dialogar por meio de correspondências com falantes da língua francesa e, dessa forma, trocar informações e experiências em um diálogo real. Acredita-se que a leitura de um documento autêntico como a carta, além de fazer do aluno um participante ativo na produção do diálogo, amplia o conhecimento lingüístico de maneira contextualizada.

Subtemas escolhidos

Um mapa conceitual (apresentado na Figura 1) foi estabelecido para nos orientar na elaboração dos planos de aula. Partindo do tema principal “intercâmbio e gênero epistolar”, pudemos definir cinco subtemas que nos conduzem ao objetivo desta experiência docente - a produção de cartas.

Os subtemas escolhidos foram: 1) gênero epistolar, 2) apresentações, 3) localização e características geográficas, 4) escola e 5) lazer. A seleção

desses subtemas foi realizada visando o objetivo de intercâmbio cultural. Decidimos trabalhar as diversas situações cotidianas que compõem a cultura brasileira e que, contrastadas com a cultura francesa, podem enriquecer o intercâmbio.

Para dar subsídios aos alunos, foram escolhidos textos com os quais eles já se veem familiarizados. Ao apresentar um gênero textual conhecido do aprendiz, damos a ele a possibilidade de uma leitura mais fluida, pois ele pode fazer previsões (adivinhações) sobre o que vai encontrar no texto a ser lido, uma vez que, em língua materna (LM), ele já conhece esses conteúdos. O aluno que se depara com um texto de estrutura conhecida consegue fazer previsões sobre o vocabulário e sobre as relações sintático-semânticas que vai encontrar e depreende com facilidade o conteúdo do que lê.

Para o aprendiz, receber um texto que ele acredita poder decifrar é algo que o estimula a inferir o seu significado e a verificar as suas inferências. Logo, o aluno se sente motivado a aprender a língua estrangeira por meio da leitura. Uma vez que o texto inicial é decifrado pelos aprendizes, são propostos alguns exercícios abrangendo as estruturas sintáticas, o vocabulário ou a conjugação, dependendo do que o texto apresentar de mais interessante do ponto de vista lingüístico. Tais exercícios focalizam as estruturas necessárias para a construção do gênero aqui trabalhado. Em seguida, propõe-se a redação de um texto sobre o assunto estudado. O aluno é convidado a elaborar um parágrafo sobre o conteúdo apreendido, parágrafo esse que se junta a outros parágrafos, sobre outros temas, e que, juntos, comporão uma carta a ser enviada para o seu correspondente na França. O emprego imediato do conhecimento assimilado em sala de aula nas cartas é outro fator de motivação para os alunos.

Vemos assim que, apesar de trabalharmos ainda com textos que perdem sua autenticidade por serem extraídos de unidades discursivas maiores, quando o gênero epistolar é focalizado volta-se a ter uma maior

autenticidade. Os textos recebidos dos alunos franceses transformam-se em textos de comunicação autêntica em nosso dia a dia.

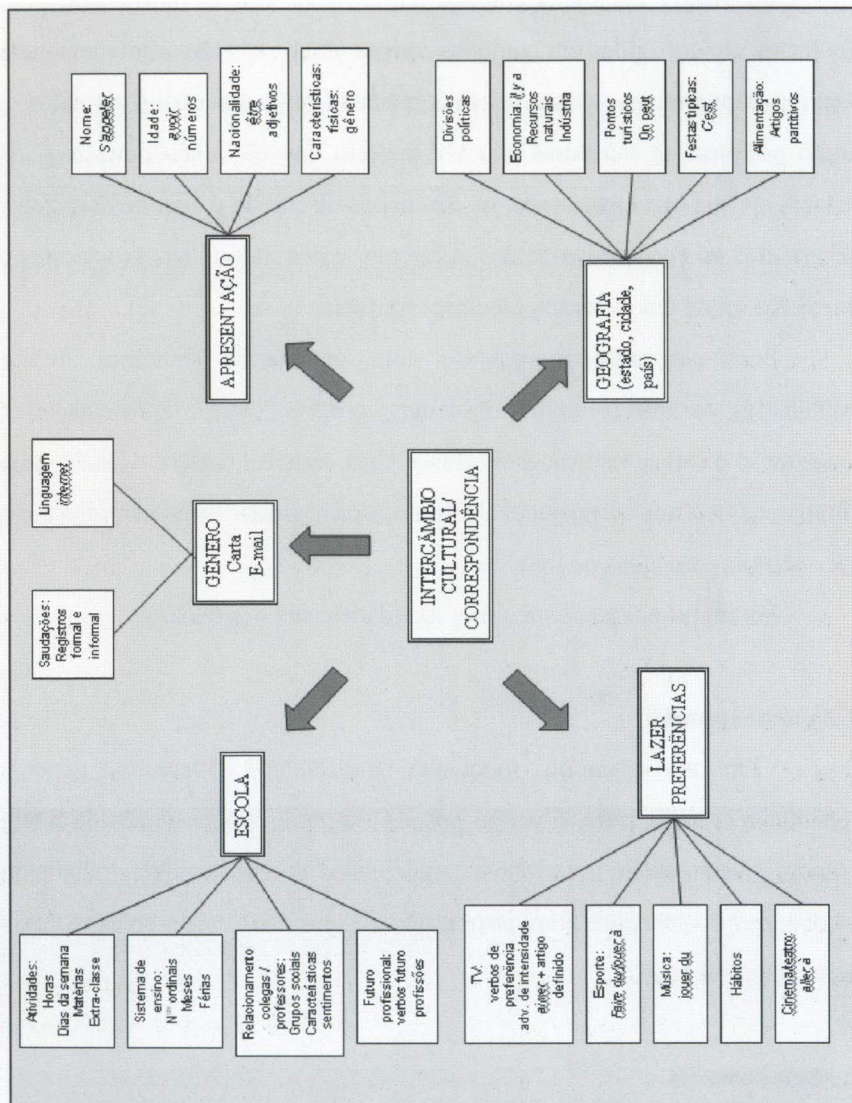


Figura 1. Mapa conceitual dos subtemas trabalhados nas aulas

Em cada aula, um objetivo é desenvolvido, complementando o conhecimento necessário para a elaboração de um fragmento de carta. Ao final de cada subtema trabalhado, um conjunto de textos é produzido e arquivado. Assim, cada aula culmina em um texto escrito individualmente. Os textos são corrigidos em conjunto com os alunos e então arquivados para ulterior emprego nas cartas a serem enviadas. Com esses textos em mãos, o aluno pesquisa as estruturas e o vocabulário que ele ainda deve usar na redação de sua carta para trazer os elementos de coesão e coerência textuais necessários ao encadeamento dos diferentes textos individuais produzidos e que estão sendo enviados aos escolares franceses.

Para um primeiro contato com os alunos franceses, foram trabalhados os três primeiros subtemas: gênero “carta”, apresentação e localização e características geográficas. Uma carta foi então enviada e cada aluno escolheu um correspondente francês com o qual faria a interlocução até o término das aulas de francês.

Foram propostas as seguintes atividades para o semestre:

1. *Gênero epistolar*

Em um primeiro momento, trabalhamos diferentes gêneros epistolares como a carta, o cartão postal, o e-mail, as mensagens de SMS, proporcionando assim uma maior compreensão do gênero a ser trabalhado no decorrer do semestre. Para isso, utilizamos músicas e diferentes extratos deste gênero textual.

2. *Apresentações*

Com o apoio lingüístico de conteúdos previamente estudados nos semestres anteriores, os alunos produziram uma carta, saudando e se apresentando aos seus correspondentes nativos da língua alvo.

3. *Geografia* (localização e características geográficas)

Neste tema, que envolve geografia física e política, os aprendizes tiveram acesso a um vasto vocabulário relacionado a divisões políticas, vegetação, economia, festas e comidas típicas da região em que vivem (município e estado). A partir da leitura de diferentes gêneros textuais, tais como mapas e guias turísticos referentes à Santa Catarina e à Florianópolis, os alunos puderam construir textos que mostram as diferenças entre sua cidade e a de seu correspondente.

4. *Escola*

Os aprendizes abordam as atividades escolares, falando de seus horários, das matérias que cursam, dos deveres de casa, das atividades extra-classe e dos planos que fazem sobre seu futuro, seja numa universidade, num curso técnico ou numa atividade profissional. Como o trabalho está sendo realizado com turmas do Ensino Médio, o vestibular é motivo de preocupação. Propõe-se então que se contraste o vestibular brasileiro com o *baccalauréat* francês, e também as profissões e as perspectivas que elas oferecem no Brasil (mais especificamente em Florianópolis) e na França (na cidade de *L'Arbresle*).

5. *Lazer e hábitos*

Nesse subtema, tratamos das atividades em que os alunos se destacam individualmente, das suas preferências, dos esportes que praticam, do grupo a que pertencem e da sua relação com a sua cidade e com as atividades culturais que ela oferece. Propomos, como material de apoio, gráficos e estatísticas extraídos de um texto informativo sobre as atividades esportivas e culturais mais praticadas pelos franceses e um guia de programação cultural francês.

Para muitos, este é o primeiro contato com um nativo da língua francesa, por isso a leitura das cartas é acompanhada de muita expectativa. E está travado o pacto da correspondência. O aprendiz cria com o seu correspondente um elo afetivo, aspecto que tem se verificado imprescindível para a aprendizagem.

Nessa primeira carta, o aluno lê, pela primeira vez, um texto autêntico em língua estrangeira, dirigido especialmente a ele. Além disso, verifica, na resposta do correspondente, a eficácia do seu próprio texto, constatando que ele é efetivamente capaz de se comunicar em língua estrangeira.

Considerações finais

No decorrer das aulas, temos verificado uma grande motivação da parte dos alunos, que têm participado ativamente do projeto, perguntando, corrigindo-se e auxiliando os colegas nas suas produções.

Os alunos se envolvem de tal forma que, no momento de colocar as cartas no envelope, fazem questão de preencher, eles mesmos, o endereço da escola. As ausências dos alunos em sala de aula, quando acontecem, são acompanhadas de justificativas e da constante preocupação em se recuperar o conteúdo perdido. Notamos também a expectativa que os aprendizes têm quanto às respostas de suas cartas.

A aula que estabelecemos para a composição da primeira carta foi particularmente motivadora. Percebemos a preocupação dos alunos em elaborar uma carta que contivesse uma apresentação, detalhes sobre suas atividades preferidas e perguntas sobre seus correspondentes, usando as estruturas aprendidas anteriormente para uma produção autêntica.

Enfim, o comportamento dos alunos diante das atividades propostas nos faz acreditar que o trabalho com o intercâmbio cultural por

meio de correspondência, além de ser eficiente no sentido da aprendizagem do FLE, é muito motivador, porque os alunos sentem que escrevem para alguém e que, portanto, a língua estrangeira que estão aprendendo lhes oferece novos contatos, amplia os horizontes e faz experimentar uma nova cultura por meio de suas próprias experiências.

Referências:

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: _____. **Problemas de lingüística geral I**. 5.ed. Campinas: Pontes, 2005. p. 284-293.
- _____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. **Problemas de lingüística geral II**, Campinas: Pontes, 1989. p. 81-90.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **Princípios para a definição do objeto da lingüística da enunciação: uma introdução** (primeira parte). Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 36, n. 4, p. 7- 67, dez. 2001.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, Â. *et al.* **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 40-76.
- OTTONI, Paulo. A legibilidade e o funcionamento do texto didático. In: **Trabalhos de Lingüística Aplicada 5-6**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1985, p. 97-129.
- PAIVA, Vera Lúcia M. de Oliveira e. Desenvolvendo a habilidade de leitura. In: _____ (org.) **Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005. p. 56-99,
- PARÂMETROS Curriculares Nacionais: ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.
- WIDDOWSON, H. G. **O ensino de línguas para a comunicação**. Campinas (SP): Pontes, 1991.